

**CARTAS
INÉDITAS DE
JOÃO CABRAL DE
MELO NETO PARA
RUBEM BRAGA**

RAFAEL IRENO

Essas três cartas foram escritas em fevereiro, julho e setembro de 1966, quando o poeta e diplomata pernambucano estava servindo em Berna, Suíça. Elas registram o processo de edição de *A educação pela pedra e Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*, são documentos riquíssimos não apenas por oferecer novos ângulos de leitura para ambos os livros – tão decisivos na trajetória de João Cabral –, mas por revelarem igualmente os bastidores da *Editora do Autor*, fundada em 1960, pelo cronista Rubem Braga, pelo escritor Fernando Sabino e pelo advogado Walter Acosta. Nas entrelinhas dessas missivas, desvela-se um diálogo intenso entre dois correspondentes, cuja relação até hoje foi pouco estudada, talvez, em função de suas poéticas aparentemente opostas: o antilírico e o lírico, poeta e cronista, poesia e prosa.

Na leitura das cartas, reconhecemos o rigor cabralino, atento aos mínimos detalhes: tipos, corpo do texto, posição do poema na página etc. E, ainda que nos falem as respostas de Rubem Braga, podemos adivinhar, em cada acordo e desacordo embutido nas frases de João Cabral, a silhueta do cronista, agora em outra posição, a de editor. Em geral, entrevemos que procura cumprir todos os pedidos, não do escritor exigente, mas do “escritor ex-tipógrafo”;¹ ele escuta, reflete sobre as estratégias de lançamento, constrói uma interlocução constante com o poeta e, ali e acolá, faz pequenas alterações e vai deixando sua marca discreta no processo editorial.

Por exemplo, na orelha de *Morte e vida severina* o poeta revela que gostaria de *Falatório* para título;² Braga, no entanto, preferiu

1 Detalhe: a primeira edição de *A educação pela pedra*, lançada pela Editora do Autor, foi a única que respeitou as vontades gráfica do poeta conforme discutida nas cartas. As demais editoras, alegando razões econômicas, mudaram parcialmente a disposição dos versos. João Cabral publicou pela Editora do Autor: *Terceira feira* [1961], *Antologia poética* [1965], *A educação pela pedra* [1966] e *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta* [1966].

2 Dentre as inúmeras estratégias da Editora do Autor para conquistar os leitores, Braga costumava incluir nas orelhas trechos de cartas trocadas com o autor. Por exemplo, em *Terceira feira* [1961], de João Cabral figura “Bilhete do autor ao editor”:

o *que está aí* e emendou, acrescentando a explicação de que, na verdade, tratava-se de um pedido do público brasileiro, pois era difícil encontrar a versão integral do poema de 1955, escrita para o teatro somente. Não deixa de ser curioso que, agora, passando os olhos pelas cartas, especificamente pela terceira delas, notamos que Cabral já antevia a mudança do título, mas, nem por isso deixou de sugerir inúmeras alternativas, como “Parlamentos, Parlendas, Parlatório, Repertório, Poemas para Vozes”, todas ressaltando o aspecto oral daqueles versos.

Dentre os títulos, vale a pena chamar a atenção para MEIA-ÁGUA, datilografado assim mesmo - grifado e em caixa alta. Isto porque se refere às duas dimensões prioritárias da poética Cabralina, aos dois rios que cortam a obra: de um lado, águas mais puras, de um trabalho poético hermético, mallarmaico; de outro, uma correnteza mais límpida, que privilegia a comunicação com o público, valendo-se de formas populares. *Morte e vida severina*, como é sabido, faz parte desta última água, do Capibaribe, junto a livros como *O cão sem plumas* (1950) e *O rio* (1954), os quais, segundo diz o próprio autor numa das cartas, são tipos de versos compostos para o “espetáculo” (refere-se a um livro de Jacques Prévert, *Spectacle*, publicado em 1951), constituídos de poemas para “atrair leitores que não são muito do esforço mental”.

À vista disso, seria interessante contrastar o projeto de popularização da poesia com frases ou expressões presentes nas cartas como “nossos milhões de analfabetos” ou “preguiçoso leitor tropical”. O desenho da

“Aqui vai o livro; título: botei
Terceira Feira (no sentido de ser
esta a terceira vez em que saem
poemas reunidos meus em edições
comerciais do tipo ‘feira-livre’)
mas não é definitivo. Poderia ser,
igualmente:
História Natural
Poesia Partida em Quatro
Segunda Mesa
Prosa em Poesia,
ou mais rotularmente:
Vários Poemas Vários
Novos Poemas Reunidos,
ou apenas:
Poesia
Poemas,
etc...

Se preferir qualquer destes, risque
o que já está escrito nos originais
e escreva o novo”.

poética cabralina poderia ser ampliado, repensando os ecos de uma reflexão mais intensa nos escritos dos anos 50, repercutidos agora nos 60. Isto serve tanto para a republicação de *Morte e vida severina* quanto para *A educação pela pedra*, que, não se inscrevendo na esteira das obras de “fácil leitura”, parece ter experimentado implicações importantes neste sentido, pela concomitância dos lançamentos em questão e, não se pode esquecer, pelo diálogo com um escritor de crônicas – gênero feito para um público maior por excelência. Leia-se com o acréscimo da curiosa informação, e provavelmente inédita, de que os famosos termos do poema “Catar feijão”, quero dizer, “leitura fluviente, flutual” foram ditos pelo Embaixador Coelho Lisboa e o poeta, confessa a Braga, “cinicamente” os meteu nos versos como se fosse coisa sua. Observa-se ainda neste sentido, outro aspecto intrigante, que o tipo gráfico “simples, limpo e jornalístico”, sugerido pelo autor para figurar no seu *Morte e vida severina*, pertence a antologia de crônicas *Homenzinho da ventania* (1961), de Paulo Mendes Campos. Isto é, de certa maneira, haveria uma convergência entre as expectativas cabralinas e a constituição da crônica, como gênero.

Outra opção de título ainda digna de nota é “Falácia”, pois a palavra compartilha a mesma raiz de “falatório”, e tal escolha aportaria, segundo o autor, ambiguidades interessantes para a capa. Isso é escrito no final da última correspondência, à caneta apressada, onde se lê também a confissão de certo receio quanto a publicar *Morte e vida severina*. Em 1966, é bom lembrar, vive-se sob o regime militar, à beira do AI-5, de modo que João Cabral de Melo Neto pede para atrasar o lançamento a qualquer sinal de chateação e, num tom irônico, autoriza o outro até mesmo a, de fato havendo aborrecimentos, transformar os versos em *hinos às belezas do subdesenvolvimento*, referência velada ao projeto ideológico da ditadura. Neste sentido (no item três da última carta), o poeta cobra Rubem Braga para que assuma mais a responsabilidade do projeto, “não só literária (...), mas também por causa das eternas chateações que V. conhece: por isso, gostaria que V. conservasse a dedicatória que coloquei e nos termos que coloquei”, já que a ideia primeira de editar a história de Severino foi do cronista. Então, a dedicatória na primeira página do volume, para além de uma homenagem, corresponde a algum tipo de proteção para o poeta-diplomata. Tais implicações políticas, não se deve duvidar, atravessam as escolhas estéticas de ambos neste período. Uma das riquezas destas

cartas está, justamente, em nos oferecer entradas para se pensar os entrecruzamentos destas dimensões em cada autor.

Se as cartas de agosto e setembro se concentram mais na publicação de *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*, a de fevereiro, por sua vez, trata quase que exclusivamente de *A educação pela pedra*. Aqui, os leitores – talvez, com razão – identifiquem um problema de organização em meu texto, afinal, por que deixar para o final da introdução, os assuntos que vieram antes no tempo? Em primeiro lugar, minha justificativa está numa lição de João Cabral de Melo Neto, uma mania confessada nas cartas, a de “seguir a ordem cronologicamente inversa” das coisas. Mas, além disso, julgo que a primeira correspondência é tão marcante e traz um testemunho tão poderoso que não merece uma descrição sucinta, pelo contrário, prefiro deixar a vocês uma leitura mais livre dela, permitir a descoberta da tecelagem do poeta, que cuida do “entrelinhar”, preocupa-se com os tipos das letras, com cada detalhe: o tamanho exato dos versos na folha para que o branco do papel não fique tão grande como é o céu de Brasília – comparação que confirma mais uma vez sua visão arquitetônica da imagem. Vejam, por exemplo, o desenho feito à caneta por Cabral de como as páginas deveriam figurar no livro.

Essa correspondência inédita com Rubem Braga vem, como se diz por aí, para dar sustância ou dar “carnadura concreta” à poesia de João Cabral de Melo Neto, fornecendo informações importantes e revelando aspectos ainda desconhecidos de sua obra.

Sendo assim, uma boa leitura!

RAFAEL IRENO é escritor. Publicou *Corpo estranho* [2015] e *Três por quatro* [2018], ambos pelo *Sarau da Cooperifa*. Atualmente, realiza doutorado em cotutela, entre a Universidade de São Paulo e a Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, sobre poesia, cinema e política nas obras do cronista Rubem Braga e do poeta e roteirista Jacques Prévert.

Habsburgstrasse, 6
Berna

6.2.1966

Meu } caro Braga, Rubem,
ui }

eis os originais de que lhe escrevi. Apesar de muito emendado, creio que está legível. Não o passo todo a limpo outra vez porque isso significaria, para mim, reescrevê-lo outra vez, e estou realmente exgotado. A solução seria fazer outra pessoa bater um dactiloscrito mais limpo. Mas não há em Berna, assim à mão, dactilógrafas que saibam nossa bela última flor do Lácio.

Agora, algumas informações (não de escritor exigente; mas de escritor ex-tipógrafo, que não se curou nunca de não o ser ainda, e aproveita a remessa de seus espaçados originais para voltar a pensar e a falar no antigo "hobby"):

- o livro está todo paginado. V. verá que todos os poemas têm duas partes: assim, prefiro que todos êles comecem nas páginas pares para que tenham defronte, nas ímpares, sua continuação-fim (i.e. suas segundas partes).

- as páginas estão numeradas e o índice pronto. Para facilitar, botei a lápiz a numeração das páginas que não serão numeradas e a tinta a das que sim serão numeradas. Para facilitar botei folhas correspondendo às páginas (poucas) completamente em branco.

RB Cp

- o livro terá exatamente 112 páginas, i.e., 7 cadernos de 16 páginas. Pelo que verifiquei, a forma em 16 tem a preferência da Edautor.

- tipo: gostaria que fôsse aquêle do livro de Vinicius "Para viver um grande amor", impresso na ~~gráfic~~ mesma gráfica de quase todos ^{da} Edautor. O corpo usado na minha Antologia, ótima para ela, seria pequeno demais para os poemas ^{id}pequenos da "Educação pela pedra". Quero dizer: o tipo e o corpo ~~usado~~ usado no livro de Vinicius; mas não o cursivo usado nos poemas daquele livro; sim o não-cursivo usado nas crônicas do livro do grande poeta e Melo Moraes também.

- andei medindo e vi que, apesar de êstes poemas de agora terem versos mais largos, não haverá nunca perigo, com o tipo e corpo de tipo do livro de Vinicius, de nenhum verso ficar partido por não caber na linha.

- andei medindo também e vi que não há nenhum perigo de nenhuma parte de poema, posta por mim numa página, transbordar de página. A êste respeito, o problema é o inverso. Mesmo as partes maiores, (de 16 versos mais ^otítulo) ficarão pequenas na página, e as páginas ficarão com "céu (ou branco) demais", como disse o ^{a cerca de} Otolará ~~de~~ Brasília. Assim, gostaria que V. recomendasse a seu Diretor gráfico entrelinhar os versos tanto quanto o corpo do título permitir. Talvez a gráfica possua ~~um~~ um corpo maior daquêle tipo usado em "Para viver...". Mas um tipo maior pode criar o

Rp Cp

inconveniente de haver versos partidos, por não caberem numa só linha. Creio que uma boa dose de interlinha entre os versos será uma água que não fará nenhum mal ao "flavour" dêste pobre whisky.

- para os títulos dos poemas, os ^(tipos) usados naquele livro do Vinicius, e nos livros da Editora em geral, estão perfeitos.

- para as dedicatórias dos poemas, um tipo cursivo, de corpo um pouco menor do que o não-cursivo do texto, será ótimo.

- botei a lápis umas tantas notas, ou recados, para que certas estranhezas gramaticais e léxicas e para que a grafia de certas palavras estrangeiras ~~xxx~~ não estranhem ao compositor nem ao revisor.

- provas: está claro que não as quero ver. Mas gostaria que, ao ser iniciada a revisão, V. me mandasse um bilhetezinho dizendo: assim eu lhe mandaria alguma palavra que tenha achado até lá para substituir uma meia dúzia que não me convence ainda e que já não tenho cabeça para procurar *agora*.

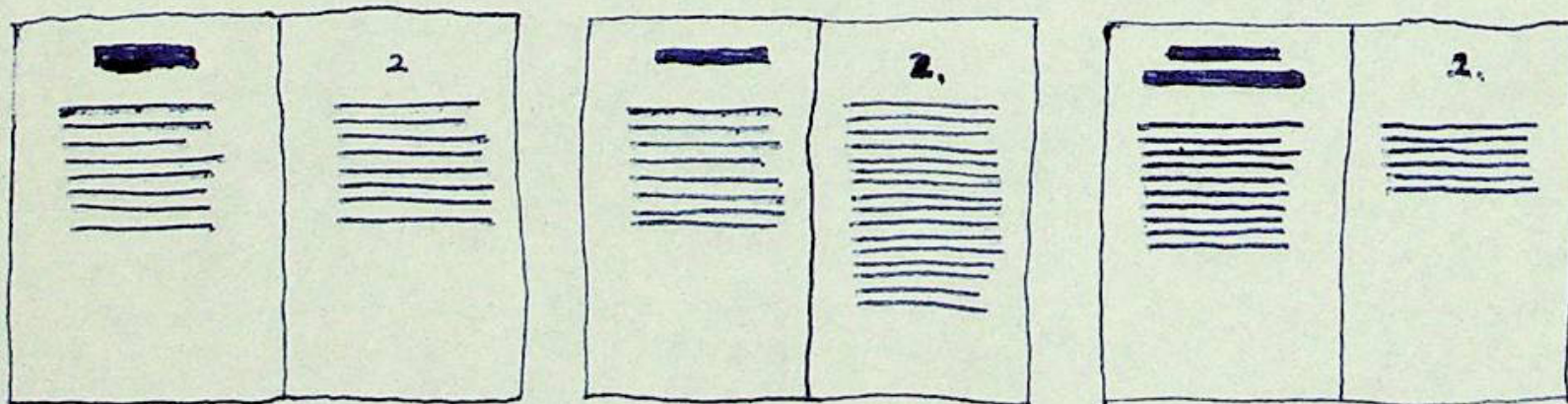
- as letras que estão nas páginas separando as partes do livro não estão assim por ~~xxx~~ acaso: têm uma função. Assim gostaria que fossem postos os a e b minúsculos e os A e B maiúsculos onde se encontram nos originais.

- na capa basta botar "Educação pela pedra". ~~x~~
A palavra "dípticos" basta ir na portada de dentro.

-

RBCp

- gostaria que o primeiro verso de cada primeira parte ficasse na mesma altura do primeiro verso de cada segunda parte que lhe está defronte: isso, tanto nos casos em que ~~as duas partes de cada poema têm o mesmo número de versos~~ quanto nos casos em que elas são assimétricas (como, aliás, está nos originais) ~~que lhe~~ ~~estou mandando~~). Considerando que os títulos dos poemas irão sempre nas páginas pares (acima, está claro, das primeiras partes) e que isso ~~far~~ faria ficar um branco vazio acima do primeiro verso das segundas partes, coloquei acima destas últimas, conforme o caso, ~~um~~ um 2 ou um * . (Não deve haver um 1 ou um * nas páginas ~~ímpares~~ onde vão os títulos: todo o mundo vê que ali está o começo). Botei essas coisas, apenas para ~~equilibrar~~ equilibrar as páginas e encher o branco vazio. Mas não é preciso que êsse 2 e êsse * sejam muito grandes. Sendo do ~~mesmo~~ mesmo corpo do texto já preencherão aquelas funções. Para ficar mais claro do que a minha prosa desenho abaixo o livro aberto em três tipos diferentes de poema:



RBCp

-última coisa: folheando o citado livro de Vinicius, vejo que os poemas são ~~paginados~~ ^{paginados como que} de baixo para cima, isto é, fazendo coincidir a última linha do texto com a linha teórica mais baixa da página. Isso, com o título posto lá no alto, faz uma espécie de paginação-livro-de-Olegário-Mariano, pouco de se notar no livro do Vinicius (onde só há dois poemas assim de pequenos), mas que se notaria muito no meu, onde as partes de poema pequenas são numerosas. Assim, eu preferiria que os poemas fossem jogados para o alto da página, a uma altura uniforme para todos, e o mais próximo do título que fôr possível. A parte vazia ficará abaixo do texto, entre a última linha dele e o número da página. Aliás é assim que os poemas estão dactilografados nos originais. Esse é um estilo de paginação inglês que acho muito mais elegante do que o que seguimos no Brasil. O. K. ?

Bom, ilustre e caro Editor e Embaixador ~~também~~ também. Não tenho mais nenhuma miudeza com que chateá-lo e fico por aqui. Breve lhe escrevo a respeito de outros assuntos. Assim, se V. se chatear demais com êsses detalhes acima pode não ler esta carta e passá-la simplesmente ao seu Diretor gráfico ou ao Diretor de sua gráfica. Que não estariam interessados nos outros assuntos .

Um grande abraço e até breve.

seu amigo

M. Camal de L.

lp Cp

6, Habsburgstrasse
BERN

3.7.1966

Meu caro Rubem,

(em envelope separado,
aqui vão, as provas de volta. Sei que V. e a tipografia vão me xingar. Mas a culpa foi sua. O difícil de acabar neste livro foi minha indecisão a respeito de variantes. Ao receber as provas (tão limpas) tôdas as minhas indecisões voltaram e outras apareceram e o resultado foi êsse que V. vê. Se V. achar que as emendas vão encarecer o livro faça ~~uma coisa~~ uma coisa: ~~deduza~~ deduza dos direitos do autor, se é que o autor ~~vai~~ vai receber direitos por essa coisa. Fora isso, tudo está ótimo. Vejo que tudo o que pedi foi observado ou está em caminho de ser. Muito obrigado a V. e ao Acosta; pelo que deduzo da sua carta, êle é o entendido em arte gráfica da Edautor.

Quanto a seus planos editoriais: estou de acôrdo com tudo. V. não ~~me~~ só entende do comércio de livros como, por estar aí, sabe melhor o que o público quer. Apenas para discutir, e ter o prazer de receber cartas suas, discordando ou não do que vou propor, submeto-

RB Cp

lhe as seguintes sugestões: porque não fazer uma edição de M & V Severina comercial, isto é, como os livros da Editora, isto é, sem nada de tipografia nem de diagramação especial? V. dirá que o texto é pequeno, o que é verdade; mas se acrescentaria^m ao texto os Dois Parlamentos (que concebi como prólogos para as duas metades do auto de natal) e mais os seguintes poemas (que eu concebi como o que na literatura espanhola ~~xxxxxxx~~ antiga se chamava "bailes"): Velório de um Comendador, O motorneiro de Caxangá, Sevilha, Jogos frutais e os Três Mal-Amados. Esses textos todos são o que se poderia dizer textos para espetáculo, embora esta palavra não pudesse ir no título: há um livro de Prevert com esse nome. Mas se poderia achar um geral ou M & V Severina e ~~xxx~~ alguns bailes, etc. ~~ixxxx~~ A publicação desse livro, além de atrair os leitores que não são de muito esforço mental, teria a utilidade de abrir espaço na futura Antologia para O Rio completo e para as coisas de A Educação pela Pedra.

Seu plano de publicar o auto com a música tem ~~o~~ problemas: a música não está escrita; quanto às fotografias, creio que iam encarecer enormemente o livro; por outro lado, seria preciso publicar alguma explicação sobre a mise-en-scène adotada pelo TUCA e isso está ligado ao próprio conceito de trabalho e de teatro do TUCA, etc. Quer dizer: o livro ^{ficaria} ~~seria~~ uma espécie de

documentário, coisa que aliás o Roberto Freire, diretor artístico, já está fazendo, por encomenda de um editor de São Paulo, ao que me disse (aliás, esclareço que o texto não será incluído: pelo menos êle nada me disse nesse sentido).

Quanto ao livro que proponho: êle ficaria com umas 120 páginas, de texto ~~maxima~~ compacto, e se V. achar isso pouco, para um livro comercial, ~~podia~~ se poderia incluir O Rio, que é um monólogo. Está claro que eu faria uma nota explicando porque aquelas coisas estão ali reunidas.

Bom, como lhe disse, isso é uma sugestão. Se V. não está convencido, faça o que sugere. Tem desde já minha autorização.

E agora, deixando de falar no Auto (já não aguento mais; é raro o dia em que não recebo carta de gente pedindo tradução, gente que o quer traduzir, gente que o quer montar, etc. A chateação é enorme porque como detesto escrever carta, deixo muitas vezes as coisas apodrecerem sem resposta).

Obrigado pelas notícias sôbre o Recife. Creio que em breve minha literatura nordestina será a coisa mais mentirosa ~~e~~ do mundo. Qualquer coisa como o Rio de Janeiro do Manuel Antonio de Almeida, por exemplo. Ou como o próprio Recife de Mário Sette e Gilberto Freyyre. Ainda bem. No ano que vem espero estar voltando para o Brasil e como tenho mais de vinte anos de serviço, posso já tirar dois períodos de seis meses

R.B. Cp

de licença especial. Assim ficarei um ano numa praia qualquer atualizando minhas impressões, ou como diria Jorge Amado, recolhendo material.

Outra coisa: quais são as ligações ~~de~~ da Editora com Portugal ? Pelo que me disse o Odylo, quando lá estive, parece que a situação está boa para o livro brasileiro ali. Está claro que, apesar de todos os nossos milhões de analfabetos, o Brasil é mais importante para o editor português que vice-versa. Mas porque Vocês não aproveitam e entram de cheio com Rubem Braga, Sabino, Clarice, P. Mendes Campos, as Antologias poéticas, etc ? Parece que em outubro vai haver em Lisboa uma Feira do Livro Brasileiro e os editores portugueses estão ~~XXXXXXXXXX~~ esperando que, em troca, eles possam entrar no Brasil. Eu não entendo disso. Vejo apenas que, para ~~XXXXXXXXXX~~ obras literárias não há concorrência possível nem prejuízo para ninguém. Para as traduções e livros técnicos talvez. Mas porque não se começar um intercâmbio forte para obras literárias ?

Bom meu caro, fico por aqui. V. pergunta: "em havendo dinheiro p. você, ou quando houver, a quem entregar ?". E eu respondo: "em havendo, quando houver (e se V. puder fazer com que haja será da maior oportunidade para este endividado ~~XXXXXX~~ habitante da caríssima Berna), etc., peço entregar a minha sogra: Da. Agnes Hastings Barbosa de Oliveira, Rua da Matri-
46, apartamento 102, Botafogo, tel. 265356.

o grande aliado de NS (além de NS)

2. 9. 966

6, Habsburgstrasse
Berne

Meu caro Braga,

estou mandando separadamente os originais do livro. Não sei o resultado dos entendimentos entre V. e o TUCA. Primeiro recebi uma carta ^{dela} dizendo que iriam procurar Você; depois, outra dizendo que estava tudo entendido, mas não que entendimento foi êsse. Assim, é possível que, a esta altura, o livro já tenha saído das cogitações da Edautor. Não se preocupe: jogue-o na cesta; em todo caso, o trabalho de copiá-lo foi útil, porque me obrigou a corrigir muitas coisas e, para mim, as correções sempre melhoram.

Para o caso de ainda estar no programa publicá-lo, informo:

1) botei no ^{livro} ~~o título~~ o título Falário, que quer dizer muitas coisas, inclusive (o que é justo para ~~ê~~ descrevê-lo) falatório. Mas acho a palavra engraçada porque tem qualquer coisa de aquário-de-falas. E Se V. não gostar, risque. Bote, por exemplo, MEIA-ÁGUA, o que seria justo ^{também} (porque no fundo os poemas aí são os que estavam numa das águas de Duas Águas, ^{mas} os mais recentes que poderiam estar...; outros ^{titulos} possíveis: Parlamentos, Parlendas, Falatório, Repertório, ~~ex~~ Poemas para vozes, etc. Agora: se V. acha importante botar no título alguma referência ao pernambucano Severino, bote Severino e outros, por exemplo, ou mesmo, Morte e Vida Severina e outros (ou outras). Deixo ao seu critério,

R.B.G. inteiramente.

2) o livro ficou com 176 páginas (11 cadernos de 16), o que é o tamanho da minha Antologia Poética. Nunca pude descobrir se os editores preferem livro fino ou grosso. Em todo caso, se V. quiser aumentá-lo, incluo Os Três Mal-amados, que é também um falário, e *(e posso incluir outros bailes, me dá um mais umas 20)* que ~~o~~ aumentaria o livro de umas 20 páginas, diga, portanto

3) gostaria que V., que teve a idéia, assumisse um pouco a responsabilidade dela: não só literária, para que não pensem que me estou empurrando nas vitrines das livrarias, *(aliás, ultimamente com muita frequência)* mas também por causa das eternas chateações que V. conhece: por isso, gostaria que V. conservasse a dedicatória que ~~me~~ coloquei e nos termos que coloquei. Se o Fernando não quiser fazer o favor que *(abusando do seu nome dele sem perguntar)* cínicamente estou pedindo, *(deixe o seu: afinal de contas, a idéia foi mesmo sua, y hay que aguantar. Além do me, honra sem merecida não se pode recusar.)*

4) a nota da editôra que botei na frente explica o porque da ~~assembleia~~ assembleia dessas coisas e não de outras; e também explica o que chamei bailes.

5) a ordem das 4 partes do livro e a dos poemas-bailes obedece à minha mania de seguir a ordem cronológica inversa; a meu ver, no caso, teve a vantagem de botar as coisas menores na frente: isto é as coisas que, pelo ^(pouco) tamanho, são mais atrativas para o preguiçoso leitor tropical. Mas se V., por motivos de editor, que a vã sabedoria dos ^(apenas) escritores nunca antecipará, quiser botar meu conterrâneo Severino bestialogicando na frente, ~~me~~ faça-o V. sem remorso.

6) ao paginar o livro, calculei-o na base de um tipo do corpo de O homenzinho na Ventania. Se puder ser o mesmo tipo simples, ^{limpo} e jornalístico ~~XXXXXXXX~~ do livro do Paulo, ótimo. Apesar de bonito, confesso que o tipo que o amigo Acosta escolheu para a Educação, por ser meio sofisticado, ~~XXXXXXXXXXXX~~ não ajudaria a leitura de um livro que ~~XXX~~ imagina ser leitura fácil: ou como diria nosso amigo Embaixador Coelho Lisboa, leitura "flutual e fluviante" (dois fabulosos adjetivos que cìnicamente meti na Educação). Creio que com aquêle tipo, os espaços que botei e as separações-entre-partes de poemas, as páginas não ficarão muito descaradamente ralas. E se ^{corpo} ~~XXXX~~ houver ^{um pouco} maior, e daquêle mesmo tipo, melhor: o descaramento será menos notado.

Bom, meu caso isto é tudo. Tudo, salvo o essencial, que vai agora: se V. vir, nos dias nacionais, qualquer perigo para um indelgado diplomata (indelgado e já velho e covarde para nos meçar a vida) na publicação dessas falácias (falácia significa falatório e falácia; v. Dicio. nacio do Amelio; e essa ambiguidade poderá até ser útil ao autor...), não publique, até o adiamento, transforme os poemas em hinos às belezas do subdesenvolvimento, etc. ~~mas~~ Deixo o que fazer, nas ^{suas} mãos prudentes de ex-apostolado por estas coisas e nas mãos minuciosamente prudentes de um seu querido fabrico. Graude ainda para V. seu V. S.

RBF
- Continuo operando os exemplares manuscritos da "Educação pela pedra no período".